

1

Introdução

Este estudo apresenta-se como dissertação de Mestrado em Educação Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e está vinculado ao GEPPE – Grupo de Estudos e Pesquisas sobre o Professor e o Ensino – coordenado pela Professora Doutora Isabel Lelis.

1.1

Experiências de uma pesquisadora iniciante

Muitas foram as motivações que me impulsionaram a entrar em um curso de Mestrado em Educação. Por ter frequentado o curso Normal, paralelamente ao Ensino Médio, percebi que várias questões relacionadas a área de Educação provocavam em mim uma grande inquietude. A principal delas referia-se às condições de trabalho do professor no Brasil atualmente. Por isso, meu trabalho de final de curso naquela época consistiu em elaborar uma pesquisa sobre as trajetórias profissionais dos professores, buscando compreender os motivos que os levaram a permanecer nessa profissão, mesmo diante de tantos problemas que os afligiam constantemente na realidade da Educação em nosso país. Com todas as ressalvas feitas a uma pesquisa elaborada por uma aluna do curso Normal sem qualquer preocupação ou compromisso com metodologias científicas, acadêmicas, esse estudo serviu para despertar o gosto pelo mundo da pesquisa. Posteriormente a graduação em História – com as pesquisas de iniciação científica - acabou por confirmar meu interesse e vontade de me transformar em uma pesquisadora.

O choque de realidade chegou então quando, pela primeira vez, entrei em uma sala de aula. Senti ali, na pele, muitos dos problemas aos quais eu tinha lido em textos e ouvido de alguns professores, na pesquisa do curso Normal. Essa mistura de sensações que senti como professora - angústia, aflição e orgulho, vontade de provocar mudanças - era o que me empurrava a cada dia para novos estudos e leituras que me ajudassem a compreender melhor a realidade da

Educação. Por isso decidi tentar o Mestrado e pesquisar sobre o mal-estar docente, o que, nada mais era, um reflexo das experiências pelas quais eu tinha passado.

Ao entrar no Mestrado e frequentar as disciplinas do curso, ficava mais encantada e motivada a cada dia. Cada texto lido e cada aula assistida mostravam-se como oportunidade de penetrar e conhecer um pouco mais sobre o trabalho docente no Brasil. Foi por isso que decidi ingressar no GEPPE. As discussões lá estabelecidas, levaram-me a ler e pesquisar ainda mais sobre a profissão docente, buscando compreender, através da literatura sobre o tema em questão, quais eram os fatores responsáveis por esse mal-estar, essa angústia que envolve o trabalho diário do professor atualmente e quais os efeitos que tais fatores podem exercer sobre a saúde desse professor.

Nesses estudos a indisciplina foi apontada como um dos principais fatores causadores desse mal-estar docente. Muitos professores relataram que, algumas vezes, não conseguem lidar com os alunos. Para esses professores os alunos não se interessam pela escola. A conversa em sala de aula, as brincadeiras, o desinteresse, segundo esses professores, causa uma dispersão, tornando complicado atrair esses jovens. Esse processo, em que o professor afirma precisar repreender o aluno, falar um pouco mais alto, chamar a atenção, leva a um desgaste desse profissional – desgaste tanto físico quanto emocional -, que sente-se cada vez mais estressado e cansado. Analisando tais questões, Juarez Dayrell e Marília Pontes Sposito¹ - apontaram para a necessidade de investigar o aluno, sujeito ativo pertencente a esse universo, capaz de expressar opinião sobre o que pensa do ambiente escolar. Tais estudiosos sugeriam que se pudéssemos ouvir o aluno, compreender suas necessidades, aflições, motivações, talvez estivéssemos construindo uma ponte que possibilitaria um diálogo, uma troca entre o aluno e o professor, capaz de aproximar esses dois universos. Diante disso percebi que ouvir esse aluno seria fundamental. Nascia, então, minha questão a ser pesquisada: *Qual o sentido da experiência escolar para os alunos?*

¹ DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, Juarez. (org.) **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996, p. 136-161.
SPOSITO, Marília Pontes. A instituição escolar e a violência. **Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo**. Texto disponível em www.iea.usp.br/observatorios/educacao. Sem data.

O presente estudo encontra-se dividido em 5 capítulos. Num primeiro momento são evidenciadas as questões motivadoras da pesquisa, os passos que foram dados até que questão fosse definida. Nessa etapa, o tema trabalhado é localizado dentro da literatura e apresentado, juntamente com os objetivos e justificativas que fundamentam a pesquisa. No segundo capítulo, ainda com propósito introdutório, são apresentados os referenciais teóricos nos quais o estudo se apóia, os sujeitos selecionados para a investigação, assim como os caminhos da pesquisa, com descrição do trabalho de investigação realizado e a metodologia de análise dos registros da investigação. No capítulo que se segue são apresentadas as características do ambiente pesquisado, história e filosofia da escola, estrutura física, clima. Já no capítulo 4 é traçado um perfil sócio-econômico dos sujeitos envolvidos. Nas seções seguintes é discutido sobre o sentido da experiência escolar em si, com conclusão das análises empreendidas. Por fim, no último capítulo, são retomadas algumas questões iniciais, apoiadas por uma literatura que ajuda a refletir sobre as conclusões alcançadas.

1.2.

Localizando a questão

Não é de hoje que ouvimos falar em crise da educação. Jornais, revistas, televisão, a mídia, de forma geral, vem explorando tal questão. A quantidade de pesquisas envolvendo o tema é extensa e os pesquisadores questionam a todo instante os motivos que levaram à crise, a sua natureza, como superá-la. Esses debates sobre a escola têm sido muito frequentes e o sentimento de insatisfação e frustração em relação a escola é evidente .

A literatura afirma que tal problema não é novo. Fala-se em crise mundial da educação desde o final dos anos de 1960. De uma forma geral, diversos estudiosos da área apontam para o processo de democratização e massificação da escola como o ponto de viragem que marca o rompimento com o equilíbrio que marcava a *escola das certezas*². No início dos anos 1970, o

² Expressão usada por Canário em “A escola como construção histórica”. In: CANÁRIO, Rui. **O que é a escola? Um “olhar sociológico”**. Porto: Porto Editora, 2005, p. 85.

diagnóstico de uma educação em crise traz à tona a verificação da falência das promessas da escola. Nesse momento a investigação sociológica encarregou-se de mostrar a incoerência na relação entre oportunidades educativas e oportunidades sociais, como se a democratização do ensino fosse garantia de mobilidade social ascendente. Bourdieu, com a sociologia da “reprodução”, evidenciou o efeito reprodutor e amplificador das desigualdades sociais desempenhado pelo sistema escolar. Na medida em que se democratiza, a escola compromete-se com a produção de desigualdades sociais e esta deixa de poder ser vista como uma instituição justa num mundo injusto³.

Segundo Canário, há uma dupla perda de coerência da escola, marcada essencialmente pelas transformações ocorridas na sociedade. Por um lado, uma perda de coerência externa, na medida em que a escola foi historicamente produzida em consonância com um mundo que deixou de existir – o mundo ao qual a escola pertence hoje já não é o mesmo da sociedade moderna. Por outro lado há, também, uma perda de coerência interna, na medida em que o funcionamento interno da escola não é compatível com a diversidade dos públicos com que passou a estar confrontada, nem com a diversidade de “missões” que lhes são atribuídas atualmente. O mundo de fora mudou e afeta o mundo de dentro da escola.

Para Bernard Charlot, trata-se de um problema estrutural, comum a todos os países industrializados, intimamente ligado ao processo de massificação da escola, que passa a receber um contingente cada vez mais heterogêneo de alunos. Segundo Charlot a escola aparece simbolicamente desarmada perante a massificação, sem outra ideologia legitimadora que não seja o prometido destino profissional dos alunos, estando, portanto, diante de uma profunda crise de legitimidade. Bernard Charlot, no entanto, afirma que não deveríamos usar o conceito de crise. Segundo o autor seria mais adequado usarmos o conceito de “mutação”, que ao invés de refletir sobre problemas de natureza conjuntural, remete para mudanças e problemas de caráter estrutural.

Dubet e Martucelli afirmam que o aspecto central da mutação sofrida pela escola reside justamente em sua abertura a novos públicos e na mudança

³ CANÁRIO, Rui. *Op. cit.*; p. 80.

operada nos modos de seleção – de uma seleção restrita aos “melhores”, filhos das elites, na *escola das certezas*, passou-se para um processo seletivo meritocrático, com exclusão dos “piores”.

De qualquer forma, a escola mudou e já não é a mesma do princípio do século, passando por constantes mutações que produzem as diversas ambigüidades e paradoxos em que hoje se encontra. Se antes os problemas com indisciplina, dispersão eram escassos, hoje as pesquisas apontam o contrário. São problemas típicos de uma sociedade contemporânea globalizada, envolvida pela alta tecnologia, num mundo onde os processos de socialização se dão de forma completamente diferenciada. A escola está inserida em uma sociedade de transformações aceleradas, onde o jovem tem acesso a um mundo repleto de informações que vão além de seu universo mais próximo. Os universos de referência se multiplicam. Se antes a família e a escola eram as principais instâncias socializadoras, hoje esse jovem pode receber influências de um mundo inteiro. Diante desse contexto, a escola não detém mais o monopólio da transmissão de conhecimentos, não é a única fonte do saber e institucionalização de valores junto às crianças e jovens. Sendo assim, vive numa contradição, enfrentando tensões e desafios constantes, pois ao mesmo tempo em que recebe novos alunos, fruto de uma sociedade em transformação, encontra-se presa a antigos modelos. A escola não se transformou no mesmo ritmo que a sociedade e, ainda hoje, privilegia uma concepção de aluno gestada aos moldes da sociedade moderna – o aluno que sabe calar, obedecer, respeitar, reproduzir.

O desencanto em relação à escola foi se ampliando e trouxe o *tempo das incertezas*⁴. As mudanças nos setores econômico, político e social afetaram profundamente a juventude, principalmente a sua relação com a escola e com o mercado de trabalho: se antes a escola mostrava-se como garantia de um bom futuro, hoje o futuro é incerto, mesmo se o jovem vai à escola, o que demonstra uma perda de coerência e sentido dessa instituição.

Sujeitos inseridos no contexto da crise da escola, professores e alunos foram bastante afetados por essas transformações. Para os professores, os

⁴ Expressão usada por Canário em “A escola como construção histórica”. In: CANÁRIO, Rui. *Op. cit.*; p. 85.

conflitos decorrentes dessa crise refletem-se diretamente na sala de aula, alterando suas condições de trabalho. Com isso, o fenômeno designado como mal-estar docente⁵ - expressão das ambigüidades e contradições que passaram a afetar a rotina desses profissionais - entra em pauta como mais um reflexo desse processo de mudanças.

Para Canário o fenômeno do mal-estar docente corresponde a um processo de crise de identidade dos professores, conseqüência de diferentes fatores: progressivo desencantamento relativo à escola, logo, ao professor; construção da escola de massas, com o crescimento exponencial da população escolar e do número de professores, repercutindo na desvalorização do estatuto social dessa profissão; tendência a proletarização do ofício do professor, a quem escapa o controle sobre o exercício do seu próprio trabalho e democratização do processo de ensino com heterogeneidade do público escolar, colocando aos professores novos alunos, com problemas novos, exigentes de soluções que muitas vezes não correspondem à formação desse professor. Segundo Sposito, as relações existentes entre alunos ou entre estes e o mundo adulto tem afetado o clima dos estabelecimentos escolares, especialmente a ação dos professores, que passam a sentir-se sob ameaça permanente, tendo que conquistar e reconquistar a todo o momento sua legitimidade em sala de aula.

De acordo com as pesquisas de Sposito, a indisciplina, classificada pela autora como uma forma de violência escolar, é um dos principais fatores causadores desse mal-estar docente. Os alunos de hoje já não se mostram dispostos a reconhecer a autoridade do professor como natural e óbvia. Por isso, os professores já não dão conta de diversas questões dentro de sua própria sala de aula. Com tentativas de manter a disciplina e por não conseguirem alcançar tal objetivo, ficam nervosos, culpam o aluno, sentem-se irritados e também culpados.

⁵ Sobre mal-estar docente ver: GASPARINI, Sandra Maria; BARRETO, Sandhi Maria e ASSUNÇÃO, Ada Ávila. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 189-199, maio/ago. 2005.

Com isso, a relação professor-aluno torna-se cada vez mais desgastada, com professores desmotivados e alunos desinteressados. Diante disso, Sposito sugere analisar o próprio sentido da escola no mundo contemporâneo.

Segundo Sposito, a concepção sobre a escola como mecanismo de ascensão social mudou e os alunos já não encontram sentido em estudar. As atuais possibilidades de “melhorarem de vida” através do estudo são mais reduzidas e os alunos já não confiam mais nessa afirmação. A autora declara que estudos recentes evidenciam que o aumento dos níveis de escolaridade da população não significa, de imediato, melhores condições de absorção pelo mercado de trabalho que possui mecanismos próprios de produção da desigualdade e da exclusão. Se esse conjunto de significados atribuídos ao papel da escolaridade como um todo em nossa sociedade ainda não está esgotado, certamente esta forte representação passa por um processo pelo qual a autora chama de processo de erosão.

Atualmente a sociedade percebe que as trajetórias escolares são condições necessárias de inserção e sobrevivência no mercado de trabalho, mas não constituem condições suficientes para abarcar todo o conjunto de expectativas da população, anteriormente atribuídas ao sistema escolar. Os alunos não encontram outra alternativa para justificarem o valor da escola, a não ser na crença de mobilidade social, garantia de futuro. No entanto, essa crença já não está dando conta de abarcar a realidade complexa de um mercado de trabalho marcado pelo desemprego. Há uma inexistência de referências capazes de estruturar novos sentidos para a busca desses alunos pela educação sistemática. Dessa forma, a violência, a indisciplina, seriam apenas condutas mais visíveis de recusa dos alunos ao conjunto de valores transmitidos pelo mundo adulto, representados na instituição escolar, que não mais respondem ao seu universo de necessidades. No geral, podemos afirmar que se configura uma ambigüidade caracterizada pela valorização do estudo como uma promessa futura, uma forma de garantir um mínimo de potencial para concorrer a um lugar no mercado de trabalho, e pela possível falta de sentido que esses alunos encontram na presença da escola em suas vidas, no presente. Segundo Canário o problema central da escola é, essencialmente, um problema de déficit de legitimidade, o que condiciona o principal requisito para que a escola seja eficaz: a construção de um sentido positivo para o trabalho que é realizado.

Para Charlot o que é aprendido só pode ser apropriado pelo sujeito se despertar nele certos ecos: se fizer sentido para ele. Isso significa, como diz Charlot, que não há aprendizagem se não há sentido na relação com o saber. Se há uma crise do ensino, não é porque a escola abandonou a transmissão dos saberes, mas por haver uma crise de sentido em relação aos saberes, em relação à escola em si. A sociedade colocou o domínio dos saberes no centro do seu sistema de valores, mas não conseguiu dar-lhe outro sentido que não fosse utilizá-lo como estratégia na corrida para o sucesso social. Dessa forma, a escola estaria vazia de sentido real para os jovens. Coloca-se então, a seguinte pergunta: os jovens vão à escola, trabalham, uns mais, outros menos, mas, para a maior parte deles, qual seria o sentido desse trabalho e dos saberes? Analisar o sentido da escola na vida dos jovens seria uma porta de acesso à percepção do que esses jovens pensam e sentem em relação à instituição escolar. Por isso, diante desse contexto, torna-se pertinente interrogarmo-nos sobre o sentido da experiência escolar para os jovens: *Em meio a essa crise de legitimidade da escola, diante da crise dos professores, da crise da educação de maneira mais ampla, qual seria o sentido que nossos alunos atribuem à escola? Segundo esses alunos, qual a importância e significado da escola para seu futuro, para a sua vida? Será que essa escola ainda é vista por esses alunos como esperança de mobilidade social? O que esses alunos esperam da escola?* O objetivo maior dessa pesquisa foi justamente ouvir esses alunos buscando compreender quais seriam suas expectativas e angústias em relação à escola, em relação ao sentido que atribuem à experiência escolar. O presente estudo pretende penetrar na realidade de uma escola da Baixada Fluminense, periferia do Rio de Janeiro, que atende às camadas populares.

Este trabalho justifica-se justamente pela carência de estudos que dêem um enfoque na visão que o jovem tem da escola. As pesquisas, na maioria das vezes, enfatizam a visão dos professores sobre a escola, dos gestores, da administração de forma geral, mas são poucas aquelas que dão voz ao aluno, buscando compreender o que esse aluno pensa sobre o sistema escolar, sobre o ir a escola todos os dias, sobre o aprender na escola. E ouvir esse aluno torna-se fundamental, afinal, é para ele que a educação é construída.